

Boca Larga
Caderno dos Doutores da Alegria.

Nº1
2005

Que palhaçada é essa?

Morgana Masetti

Nos anos 80 os hospitais começaram a abrir suas portas para outros profissionais além de médicos, enfermeiras, padres e voluntários.

Como estudante de psicologia, na época, tive oportunidade de participar dessa abertura. Lembro-me do momento de entrar no hospital, lá fora um mundo feito de buzinas e ritmos urbanos. Atravessando a porta o silêncio, um mundo de linhas e portas. Lembro da primeira vez que vi uma parada cardíaca na UTI. A luta preenchida por vozes, passos, socos e depois, perdida a batalha, um corpo imóvel. E meus olhos que queriam e não queriam olhar.

Uma das grandes lutas no hospital se dá sobre o poder de olhar. Sobre como a atualidade se coloca dentro do cotidiano hospitalar. Nelson Brissac diz que o olhar contemporâneo é de segunda geração. As experiências e anseios de cada um são moldados pela TV, cinema e informações penduradas nas ruas em que transitamos. A lógica de um modelo capitalista faz com que, de alguma forma, todas as histórias e lugares já tenham sido visitados e resta para o pensamento contemporâneo a perda de sentido das imagens que constituem nossa identidade e lugar. Essa realidade atinge também os hospitais e nos coloca ali o desafio de resgatar a tridimensionalidade das imagens que se apresentam. Os *outdoors* não nos ensinam como lidar com a dor, angústia, incerteza, perdas...

Esse cenário trouxe para o mundo contemporâneo a necessidade do resgate de alguns personagens que devolvem um olhar estrangeiro sobre nossa realidade. No cinema foi o que aconteceu com os filmes sobre anjos, que ganham espaço nos últimos anos. Assim também, o palhaço dentro dos hospitais aparece dentro de um espaço criado por essa necessidade. Através de características específicas desse personagem, da permissão da comunidade para que ele, através da máscara, atue sobre uma outra forma de pensamento, cria-se a possibilidade de um espaço que redimensiona o olhar sobre o cotidiano.

É significativo o aumento de número de palhaços em hospitais nos últimos anos. Em mapeamento realizado no Brasil pelo Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Doutores da Alegria (2002), a média de 42.600 visitas-ano realizadas pelos grupos

pesquisados a leitos pediátricos indica um potencial bastante expressivo do espaço que esse tipo de ação pode ocupar nos hospitais. Isso é reforçado se levarmos em consideração que 36% desses grupos utilizam recursos financeiros próprios para desenvolvimento do trabalho e que, apesar disso, contam com uma estabilidade de existência ao longo do tempo (3 a 5 anos). Uma hipótese possível é que, se esses grupos estivessem cercados das condições necessárias para sua continuidade, o número de leitos cobertos poderia ser muito mais expressivo.

As pesquisas científicas contribuíram muito para esse cenário. Vários estudos comprovam que a comédia facilita a vasoconstricção e reduz o fluxo de sangue para a pele, diminuindo a sensibilidade cutânea e produzindo relaxamento muscular. Esses estudos validaram o caráter terapêutico do riso e, com isso, uma série de intervenções começaram a se estabelecer nessa área: da comicoterapia passiva, onde o paciente não escolhe o momento e os conteúdos da intervenção, até a intervenção cômico ativa, onde é participante da produção de sua comicidade, da risada fisiológica com exercícios específicos para rir até a visão filosófica dos mecanismos da risada. Com isso temos uma gama enorme de atuações de palhaços com objetivos diversos, dentro de uma atividade com a mesma denominação. Além disso, no Brasil, as formações são bastante heterogêneas: 62% dos grupos mapeados não apresentam formação específica na máscara do palhaço. Apesar disso, a maior parte dos grupos consideram sua formação artística satisfatória (66%). A esmagadora maioria (98%) quer investir em cursos de aprimoramento na arte de ser palhaço mas se considerarmos as metas a curto e médio prazo esta é terceira e quarta prioridade enquanto que expandir-se para mais hospitais é a primeira e segunda prioridade para os grupos. Juntamos outra informação: só 48% dos grupos sofrem algum tipo de avaliação por parte do hospital. Existe uma compreensão por parte dos grupos que este trabalho possa ser desenvolvido por qualquer pessoa sem a devida formação. Hoje sabemos que resultados importantes da intervenção dos palhaços – mudança de comportamento expressiva na criança alimentando-se melhor, aceitando medicações e exames, melhora da comunicação com pais e profissionais de saúde, diminuição do stress da internação – estão relacionados a uma boa formação profissional para este tipo de atividade.

Essas informações indicam a grande necessidade de se divulgar e trocar experiências sobre as intervenções desenvolvidas nesta área. Esta necessidade está a serviço de um cuidado para que esse olhar estrangeiro que adentrou o hospital, não se transforme em mais um clichê, uma máscara estéril, mais um *outdoor* dentro do hospital. Para que estes estudos permitam a renovação da tradição do palhaço para a

atualidade sem perder o espírito subversivo e questionador presente neste personagem.

Esse caderno busca ser um espaço de convergência e troca de experiências que reflitam sobre essa atuação. Você encontrará nele a expressão das diversidades da formação do palhaço no Brasil. Esta diversidade se apresenta, por exemplo, através do bloco de entrevistas onde temos as trajetórias de palhaços de circo como Carequinha e Picolino e de palhaços de teatro como Cristiane Paoli Quito. Como resposta aos resultados que levantamos na pesquisa estamos priorizando, neste volume, a importância da formação do palhaço. Isto está presente no bloco de artigos selecionados. Você encontrará também um artigo que apresenta os principais resultados da pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa e Desenvolvimento mapeando grupos de palhaços no Brasil e em outros países.

Acreditamos que estamos falando de uma discussão ampla que envolve os grupos que estão pensando o palhaço no Brasil. O futuro deste tipo de atividade diz respeito a todos que estão trabalhando para este tipo de formação profissional ou servindo de inspiração para isso. Neste sentido esta revista pretende ser um espaço de encontro, conversa e conhecimento para temas que falem de humor, arte e desenvolvimento de saúde.

Visa colaborar na construção de bases sólidas para que a atividade do palhaço se estabeleça como lugar de desenvolvimento cultural e transformação social.